

A EXPRESSÃO RELIGIOSA EM JULIEN GREEN

Cristina Francisca de Carvalho PORTO*

RESUMO: Breve discussão sobre a expressão religiosa no romance de Julien Green, escritor francês, cuja produção se iniciou na década de 20. Esta discussão tem como principais tópicos: elencar alguns temas recorrentes na narrativa deste escritor, tendo como base o romance *Le voyageur sur la terre*, atentar para a espiritualidade de seus textos, em particular no que concerne à religião católica, por ele professada; e ressaltar a influência da religião no texto de Green.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa. Romance. Religião. Julien Green.

Introdução

Ao abordar a expressão religiosa na obra de Julien Green, escritor francês, procurarei não entrar em discussões teológicas, mas, sim, colocar em relevo passagens em que a questão religiosa apareça de forma implícita ou explícita, como crítica ou exaltação de determinadas questões da religião.

Como base para exposição escolhi uma obra que apresenta testemunhos de experiências religiosas próprias da realidade vivida pelos seres humanos. Tentei traçar um itinerário a partir da obra *Le voyageur sur la terre*, que me permitiu levantar temas específicos. Esses temas aparecem no percurso das personagens que, ao vivenciarem um conflito religioso, questionando-se e buscando respostas, percorrerão o caminho da religião e da fé, da loucura e da culpa e da morte como libertação.

Esse percurso demonstra o conflito extremo vivido por personagens que se debatem entre a vida mundana e a vida religiosa; a primeira as renega, humilha, aprisiona, e a segunda exige sacrifícios, coragem e desperta muitas dúvidas. O leitor acompanha essa trajetória mas acaba por duvidar das reais

* UNESP - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Departamento de Letras Modernas. São José do Rio Preto - SP - Brasil. 15054-000 - crisfcporto@ig.com.br

intenções e sentimentos expostos, há uma sensação de compaixão, depois a dúvida, o questionamento sobre a “verdade” e a incerteza do que realmente aconteceu.

A personagem central do romance, Daniel, possui a alma angustiada e aprisionada, submisso à vontade de outros e somente encontrará a libertação na morte.

Destaca-se nesta obra de Green alguns temas como a constante busca por Deus, a sondagem do ser, a revelação de dúvidas armazenadas na alma de cada um, o aprisionamento moral, a obrigação de parecer uma coisa e querer ser outra, de ser forçado a seguir um caminho oposto ao realmente desejado.

O ambiente de trevas, obscuro, também prevalece e é o cenário propício para o crime que acontecerá em *Le voyageur sur la terre*, do qual o próprio Daniel será a vítima. O crime não é solucionado, restando sempre a dúvida: assassinato, suicídio ou fato sobrenatural?

Os fatos que precedem o crime nós conhecemos quando Julien Green dá voz ao próprio Daniel, que vai narrar as dificuldades pelas quais tem passado; é a impressão e a visão de Daniel a ser percebida em primeiro plano pelo leitor:

Não escrevo isto visando um leitor. Farei para mim mesmo a narrativa de minha infância e destruirei este manuscrito assim que o terminar. Estou em uma situação difícil e me parece que para sair dela eu devo deixar escritas muitas coisas, nas quais eu não havia pensado até este dia. (GREEN, 1997, p.12, tradução nossa)¹.

Em Julien Green a estrutura de um Diário fica em parte evidente, devido ao fato de, ao final, o narrador acrescentar cartas de testemunhas que conheceram Daniel.

Apesar de o autor direcionar seu romance para o realismo documental, ou seja, apenas colocar no texto indícios da veracidade dos fatos narrados, no decorrer da narrativa procura camuflá-lo, isentando-se de qualquer participação em relação aos manuscritos; que são encontrados no quarto da personagem, Daniel: “Foi quando encontramos na gaveta da mesa um manuscrito bastante extenso do qual eu tomei conhecimento imediatamente e que não podia pertencer senão ao último ocupante do quarto.” (GREEN, 1997, p.58, tradução nossa)².

¹ « Je n'écris pas ceci en vue d'un lecteur. Je ferai pour moi seul le récit de mon enfance et je détruirai ce manuscrit lorsque je l'aurai fini. Je suis dans une situation difficile et il me semble que pour en sortir je dois mettre par écrit beaucoup de choses auxquelles je n'avais pas songé jusqu'à ce jour. » (GREEN, 1997, p.12).

² C'est alors que nous trouvâmes dans le tiroir de la table un assez long manuscrit dont je pris immédiatement connaissance et qui ne pouvait appartenir qu'au dernier occupant de la chambre. » (GREEN, 1997, p.58).

O tom de inquérito policial é o principal elemento de isenção do autor nos fatos narrados. No final do romance, Julien Green acrescenta cartas de testemunhas, oferecendo-nos outras facetas de Daniel e de interpretações sobre sua morte.

O espírito racionalista francês parece sobressair-se no início de *Le voyageur sur la terre*, no momento em que o autor introduz o fato a ser narrado no decorrer de todo o romance: a morte de Daniel. Nesse caso, o elemento utilizado pelo escritor para provocar no leitor a ilusão da verossimilhança configura-se na figura dos documentos que o autor afirma ter encontrado:

Há alguns anos, o autor da tradução que vamos ler encontrava-se em uma das cidades dos Estados Unidos quando o acaso de uma pequena pesquisa literária lhe pôs nas mãos documentos de caráter tão particular que ele se divertiu em copiá-los inteiramente; mas como eles tratavam de coisas já passadas e quase esquecidas até mesmo na região onde aconteceram, será melhor não apresentá-las ao leitor sem reconstituir as origens e lembrar um acontecimento que, em 1895, comoveu a cidade universitária de Fairfax. Por volta de 10 de setembro deste ano foi retirado do rio o corpo de um jovem de dezessete ou dezoito anos. Seus membros fraturados em muitos lugares indicavam que ele devia ter caído; depois rolado por um barranco, bastante abrupto, chocando-se contra pedras cortantes. (GREEN, 1997, p.9, tradução nossa)³.

A objetividade é bem marcante, pois Green nos apresenta o acontecimento em uma linguagem quase jornalística, não deixando a menor dúvida sobre o ocorrido, fornecendo-nos datas, lugares e nomes.

Acreditamos que essa maneira de ocultar os fatos, obrigando o leitor a construir suas hipóteses, remete à formação religiosa desse escritor que optou pela escrita em capítulos curtos e complexos, abertos a várias explicações, como o são os textos bíblicos, que não desvendam, mas demandam a interpretação dos fatos apresentados. A respeito da semelhança com o texto bíblico vejamos a colocação de Auerbach (1971, p.8-9):

No relato bíblico também se fala; mas o discurso não tem, como em Homero, a função de informar acabadamente o que se significa no interior. Antes pelo contrário: tem a intenção de aludir a algo implícito, que permanece inexprimido.

³ « Il y a quelques années, l'auteur de la traduction qu'on va lire se trouvait dans une ville des États-Unis quand le hasard d'une petite recherche littéraire lui mit entre les mains des documents d'un caractère si particulier qu'il s'amusa à les recopier tout au long; mais comme ils ont trait à des choses déjà lointaines et presque oubliées dans le pays même où elles se passèrent, il sera bon de ne pas les présenter au lecteur sans remonter aux origines et rappeler un événement qui émut en 1895 la ville universitaire de Fairfax. Vers le 10 septembre de cette année on retira du fleuve le corps d'un jeune homme de dix-sept ou dix-huit ans. Ses membres brisés en plusieurs endroits indiquaient qu'il avait dû tomber; puis rouler jusqu'en bas d'une pente assez rapide, en se heurtant à des pierres coupantes. » (GREEN, 1997, p.9).

[...]

Não é fácil, portanto, imaginar contrastes de estilo mais marcantes do que estes, que pertencem a textos igualmente antigos e épicos. De um lado, fenômenos acabados, uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num primeiro plano; pensamentos e sentimentos exprimidos; acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e com pouca tensão. Do outro lado, só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão.

Também na obra de Julien Green, tudo flui lentamente, muitas mensagens ficam implícitas, devendo ser reveladas por aquele que lê. É uma forma de interação que permite ao leitor refletir e interpretar e, em seguida, tirar suas próprias conclusões.

Religião e fé

Para melhor explicitar o drama da personagem que aqui apresentarei, vejamos esta citação do texto de Orlandi (1996, p.241) quando da definição de “discurso religioso”:

Althusser destaca ainda – ao haver interpelação dos sujeitos com uma identidade pessoal – o fato de que há uma condição absoluta para se pôr em cena sujeitos religiosos cristãos: só existe essa multidão de sujeitos religiosos possíveis porque existe um Outro Sujeito único absoluto. O autor passa então a distinguir o Sujeito dos sujeitos vulgares: Deus é o Sujeito e os homens são os seus interlocutores-interpelados, os seus espelhos, os seus reflexos (não foram criados à Sua imagem?).

É em busca da reconciliação com esse Sujeito único e absoluto que os sujeitos vulgares viverão seus dramas e se sacrificarão. Assim como Green, suas personagens buscam a Deus em todo momento, ainda que esta busca os leve à beira da loucura ou acabe por transformá-los em seres estranhos.

No mesmo texto, ao abordar os aspectos que estruturam a ideologia cristã, Orlandi (1996, p.242) elenca:

- a) a interpelação dos indivíduos como sujeitos;
- b) a sua submissão ao Sujeito;
- c) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos e, finalmente, o reconhecimento do sujeito por ele próprio;
- d) a garantia absoluta de que está tudo bem, assim, e que, na condição de os sujeitos reconhecerem o que eles são e de se conduzirem de acordo, tudo correrá bem. Assim seja!

As personagens de Green, mesmo reconhecendo sua submissão, vão se martirizar justamente por terem se desviado daquilo que, de acordo com os princípios cristãos, seria correto; como elas não se conduziram com estes princípios, nada mais vai bem. É necessária, agora, a penitência para possibilitar um reencontro. A salvação é possível pois, segundo Maritain (1942, p.15), ao optar pelo retorno a Deus, o ser humano será protegido pelo sagrado, é como se a seu redor fosse criada uma muralha de proteção:

Era, entre uma forte descida de paixões e de crimes, um simples movimento de subida, da inteligência para o objeto, da alma para a perfeição, do mundo para uma estrutura social e jurídica unificada sob o reino do Cristo.

Com a ambição absoluta e a coragem inadvertida da infância, a cristandade construía então um imenso castelo forte no vértice do qual Deus estacionaria; ela lhe preparava um trono na terra, porque o amava. Todo o humano estava assim sob o signo do sagrado, ordenado ao sagrado e protegido pelo sagrado, ao menos tanto quanto o amor lhe fazia dele viver. Que importavam as perdas, os desastres, uma obra divina era realizada pela alma batizada. A criatura era duramente mortificada e nisto mesmo magnificada, ela se esquecia por Deus.

A alma entregue a Deus sempre terá uma nova oportunidade para se redimir de seus pecados. Sofrendo e se penitenciando ela será salva; esse é o trajeto percorrido pelos Santos. Podemos perceber, ao ler hagiografias, que os santos tiveram uma vida repleta de sofrimentos e dificuldades, miséria, desprezo, mas nunca abandonaram o caminho de Deus pois o reconheciam como caminho para o reencontro.

Em *Sous le soleil de Satan*, de Bernanos (1987), também temos a santidade na figura do padre Donissan, devoto que levando uma vida de austeridade e penitências, despreza o corpo, as sensações físicas. Assim como Daniel, o Santo de Bernanos também será tentado, ele viverá um momento que muito se assemelha à tentação de Cristo na montanha. Bernanos tem, aliás, grande admiração pelos santos, sendo São Francisco de Assis e Joana D'Arc os preferidos e mais citados em várias obras.

Veremos como se configura nesses textos a formação da religião e da fé. A religião em questão é a católica, ela entra na vida das personagens já como herança de um conflito bem maior:

Partindo, então, da caracterização do discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus, começaria por dizer que, no discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). [...] o mundo espiritual

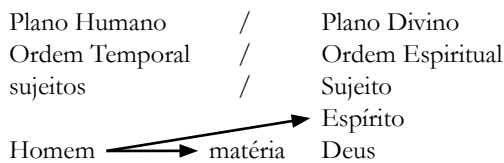
domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros, frágeis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens. [...]

Dessa assimetria original vão decorrer, como veremos, várias outras, porque a desigualdade imortalidade/mortalidade instala, para os homens, a relação vida/morte e dessa relação nasce a necessidade de salvação para a vida eterna. O móvel para a salvação é a fé. (ORLANDI, 1996, p.243).

Nesta obra de Green é evidente o domínio do mundo espiritual sobre o temporal, e, quanto aos sujeitos, pensamos primeiramente em Daniel. Com toda sua fragilidade ele busca, da maneira que lhe é permitido, aproximar-se deste ser Superior, “Deus”. Talvez a fé seja a única resposta para os fatos estranhos vivenciados por ele, o porquê de se entregar tão facilmente a seus opressores, a fé é a certeza de que no encontro com o Todo Poderoso ele ficará “liberto” de suas angústias.

Orlandi demonstra, conforme o quadro abaixo, a importância da fé na busca da salvação. Ela coloca lado a lado os dois planos: temporal e espiritual; o homem, situado no plano temporal, tem a matéria como principal barreira para chegar ao plano espiritual, apenas a fé lhe permitirá alcançá-lo.

Esse dualismo sugere um quadro aproximado:



Observando-se esse quadro de dualismos, podemos dizer que a articulação entre o homem e Deus se faz através da noção de *espírito*. Essa é uma passagem e, para entendê-la, é preciso referi-la a uma outra noção, a de fé.

Entre as qualidades do espírito está a fé, que é o móvel para a salvação. Isto é, dada a condição humana em relação a Deus, dada a separação indicada por essa condição (o pecado existe), a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição de mudar em direção à salvação. (ORLANDI, 1996, p.250).

É exatamente esse o percurso empreendido por Daniel. Para se livrar do pecado, ele enfatiza a prática da fé no decorrer da narrativa, e vai se transformando a ponto de, no final do drama, poder ser interpretado antes como “espírito” do que como “matéria”. O leitor é conduzido a essa interpretação pelas longas reflexões que revelam, gradativamente, a dissolução material desse ser.

A religião surge para a personagem, Daniel, sob as influências de parentes próximos e ele é contagiado, positiva ou negativamente por eles. A descoberta positiva da religião é transmitida pela Tia e a negativa pelo Tio.

O jovem Daniel, ao narrar uma situação vivenciada durante a noite, no quarto, já exibía sua fé, repetindo um gesto comum aos cristãos.

Vinha-me sempre à mente que poderia não ser o capitão, mas uma outra pessoa vinda propositalmente para cortar a minha garganta. Em meu desespero, colava a meus lábios um pequeno crucifixo de chumbo que minha tia me fazia usar no pescoço. Neste momento, eu adormecia. (GREEN, 1997, p.13-14, tradução nossa)⁴.

Para espantar o medo ele agarrou um crucifixo, presente de sua Tia, cujo esposo era protestante. Divergências entre estas duas religiões refletem-se também no lar de Daniel. Talvez fosse interessante recordar que o próprio Julien Green poderia ter vivenciado conflitos semelhantes aos da personagem: filho de protestantes, somente após converter-se ao catolicismo começou a encontrar algumas respostas para suas dúvidas. Entretanto, Daniel não deveria encontrar-se no protestantismo, pois, para o tio, ele praticamente não existia, sendo sempre ignorado: “Meu tio nunca ligava para mim. Fechado em seu egoísmo, ele vivia em uma espécie de adoração perpétua de si mesmo e passava seu tempo naquilo que ele designava de sua biblioteca.” (GREEN, 1997, p.16, tradução nossa)⁵.

A tia iniciou-o, pouco a pouco no gosto pela leitura da Bíblia, lendo, às vezes, alguns trechos para ele e transformando essa prática em um hábito na vida do jovem.

Minha tia também me falava muito do Antigo e do Novo Testamento que ela havia lido e relido muitas vezes. Ela tinha grande predileção pelos lugares terríveis das Escrituras. No Antigo Testamento ela escolhia por exemplo a história das crianças que um urso havia devorado porque elas tinham zombado de Eliseu; no Novo, a história de Ananias e Saphira. (GREEN, 1997, p.21, tradução nossa)⁶.

⁴ « Il me venait toujours à l'esprit que ce pouvait n'être pas le capitaine, mais une autre personne venue exprès pour me trancher la gorge. Dans mon affolement, je collais à mes lèvres un petit crucifix de plomb que ma tante me faisait porter autour de mon cou. A ce moment je m'endormais. » (GREEN, 1997, p.13-14).

⁵ « Mon oncle ne s'occupait jamais de moi. Replié sur son égoïsme, il vivait dans une sorte d'adoration perpétuelle de lui-même et passait son temps dans ce qu'il nommait sa bibliothèque. » (GREEN, 1997, p.16).

⁶ « Ma tante me parlait aussi beaucoup de l'Ancien et du Nouveau Testament qu'elle avait lus et relus bien des fois. Elle avait une prédilection très marquée pour les endroits terribles des Écritures. Dans l'Ancien Testament elle choisissait par exemple l'histoire des enfants qu'un ours avait dévorés parce qu'ils s'étaient moqués d'Elisée; dans le Nouveau, l'histoire d'Ananias et Saphira. » (GREEN, 1997, p.21).

Além de incutir em Daniel o gosto pelo catolicismo, transmitia também seus rancores e aversão ao marido protestante, tecendo comentários agressivos e deixando clara sua antipatia pela opção religiosa do outro.

Ela acrescentava ainda que, protestante como ele era, e mesmo pior, (ela mesma era católica), ele não poderia escrever nada de aproveitável. Uma outra vez, ela deixou escapar que em política não menos que em matéria de religião ele não havia ficado do lado bom, e ela ia dizer mais, quando repentinamente, percebeu que eu a escutava; ela mordeu os lábios e calou-se por um momento. (GREEN, 1997, p.23, tradução nossa)⁷.

A aversão era recíproca, também o marido não estava contente com a escolha que havia feito no casamento e quando percebeu isto passou a ignorar a esposa e tudo que dela fazia parte. Para a infelicidade de Daniel, a tia partiu cedo e, mesmo na morte, o tio não deixou de menosprezá-la, escolhendo a seguinte citação como epitáfio:

Ela dorme sob a sombra, no segredo dos juncos do pântano. (Jó 40, 21)

Meu tio parecia orgulhoso da citação: “Eu coloquei ela em vez de ele, mas isto não importa, explicou. A frase descreve muito bem o cemitério onde repousa sua tia.” Era verdade; o cemitério de Bonadventure fica, de fato, situado à beira da água, ele é muito assombreado; no entanto como o versículo da Bíblia representava pouco o espírito da pobre mulher! A sombra, o segredo! Não se poderia escolher pior. (GREEN, 1997, p.26, tradução nossa)⁸.

O mau gosto na escolha do epitáfio ficou de tal forma gravado na memória de Daniel que ele o transferiu para si, era como se o jovem antecipasse seu epitáfio, ou seja, ele parecia estar sendo enterrado vivo: “Parecia-me que de certa forma também eu dormia, sob a sombra e no segredo, e tornava-me mais triste à medida que esta idéia se confirmava em meu espírito.” (GREEN, 1997, p.28, tradução nossa)⁹.

⁷ *«Elle ajoutait encore que, protestant comme il était, et même pire (elle-même était catholique), il ne pouvait rien écrire de profitable. Une autre fois, elle s'échappa jusqu'à dire qu'en politique pas plus qu'en matière de religion il n'avait été du bon côté, et elle allait en dire plus, quand elle s'aperçut tout à coup que je l'écoutais; elle se mordit les lèvres et se tut un instant.»* (GREEN, 1997, p.23).

⁸ *«Elle dort sous l'ombre, dans le secret des roseaux (Job XL, 16). Mon oncle parut fier de la citation: "J'ai mis elle pour il, mais ce n'est rien, expliqua-t-il. La phrase décrit très bien le cimetière où repose ta tante." C'était vrai; le cimetière de Bonadventure est en effet situé au bord de l'eau, il est de plus fort ombragé; pourtant comme le verset de la Bible était peu dans l'esprit de la pauvre femme! L'ombre, le secret! On ne pouvait choisir plus mal.»* (GREEN, 1997, p.26).

⁹ *«Il me semblait que d'une certaine manière je dormais, moi aussi, sous l'ombre et dans le secret, et je devenais plus triste à mesure que cette idée se confirmait dans mon esprit.»* (GREEN, 1997, p.28).

Esse sentimento de Daniel confirma sua trajetória de angústias iniciada com a morte da tia, momento a partir do qual começou a viver de maneira estranha, ou melhor, começou gradativamente a deixar de viver.

Daniel tenta fugir da influência do tio, por ser jovem ainda não traz consigo culpas, remorsos pelos pecados que cedo ou tarde atormentam os homens, principalmente os religiosos, para os quais o peso se torna maior. Nessa pureza própria da juventude, a personagem encontra sua força para reagir e não se deixar manipular tão facilmente.

Após a morte da tia, o jovem fica sob a guarda do tio que começa a educá-lo a sua maneira:

Agora eu ia todos os dias ver meu tio. [...] Ao fim de uma meia-hora, ele acabava sempre por tirar do bolso um pequeno manuscrito do qual ele lia pequenos fragmentos. Eram sempre longas reflexões bizarras sobre o que ele designava como a loucura das religiões, e traduções de poemas franceses em que se falava do desespero da terra e da indiferença do Céu. Eu escutava sem nada dizer, estas frases cuja ironia violenta e blasfematória me chocava, pois eu era naturalmente religioso, mas meu tio parecia não notar meu descontentamento e continuava sua leitura com um ar feliz. (GREEN, 1997, p.26, tradução nossa)¹⁰.

Essas palavras de Daniel sugerem a voz do autor católico, Green, desdobrando-se na de sua personagem: “*l’ironie blasphématoire me choquait*”. Nas palavras do jovem podemos perceber um tom quase profético do que se passará com ele: “loucura das religiões”, “desespero da terra”; sua devoção o levará a atingir a “graça” e renegar os prazeres terrenos, mas este estado de “graça” será visto pelos outros como loucura.

Ignorando totalmente o gosto do sobrinho, o tio passa a impor-lhe suas idéias opostas àquelas que a tia havia transmitido, sobretudo as relativas à religião. A religião católica agradava a Daniel:

Foi então que me vieram à memória palavras que eu ouvi certa vez um eclesiástico inglês pronunciar. Ele conversava com minha tia e disse acariciando meus cabelos: “Entregue-o a nós. Ele amará a teologia, acrescentou rindo, a senhora sabe que nossa profissão é a mais bela do mundo.” Estas palavras me pareciam doces mesmo com

¹⁰ «Maintenant j’allais tous les jours chez mon oncle. [...] Au bout d’une demi-heure, mon oncle finissait toujours par tirer de sa poche quelque petit manuscrit dont il me lisait des fragments. C’étaient le plus souvent de longues réflexions bizarres sur ce qu’il appelait la folie des religions, et des traductions de poèmes français où il était parlé du désespoir de la terre et de l’indifférence du Ciel. J’écoutais sans rien dire ces phrases dont l’ironie violente et blasphématoire me choquait, car j’étais naturellement religieux, mais mon oncle ne semblait rien voir de mon déplaisir et continuait sa lecture d’un air ravi.» (GREEN, 1997, p.26).

uma idade em que eu mal podia compreendê-las, e ainda agora elas têm para mim uma espécie de indizível encanto. (GREEN, 1997, p.28-29, tradução nossa)¹¹.

Parece evidente que o rapaz tinha interesse pela vida religiosa, interesse incentivado pela tia, mas após a morte dela o tio proíbe Daniel até mesmo de ir à igreja, frustrando assim os desejos do jovem.

O pai da tia de Daniel vivia com eles enquanto ela estava viva, partindo após sua morte. Um dia voltou e ofereceu suas economias para que Daniel fosse estudar, cursar uma faculdade. O rapaz imediatamente aceitou e foi embora sem nada dizer ao tio, a fim de livrar-se de sua influência, mas alguma coisa de ruim já havia se instalado na alma da personagem que acabará passando por situações estranhas.

As contradições inerentes à religião também são ressaltadas por Orlandi (1996, p.248) ao citar Gramsci:

Segundo Gramsci (1966a), sob a homogeneidade ideológica, existe na religião – enquanto conjunto cultural – uma subdivisão paralela aos grupos sociais afetados. Qualquer religião é, na realidade, uma multidão de religiões distintas e, muitas vezes, contraditórias. Tomando o domínio do catolicismo, ele coloca a existência de um catolicismo de camponeses, um catolicismo de mulheres, um catolicismo de intelectuais, por sua vez velado e incoerente.

Essas contradições também foram percebidas por Green que, inconformado, procura revelar em suas obras seu descontentamento, criticando, implicitamente, a sociedade que vive de aparências; com isto utiliza-se da linguagem (suas obras) como suporte para sua ideologia.

Green, em *Le voyageur sur la terre*, destaca as controvérsias entre o catolicismo e protestantismo, conflito que desencadeou na alma do jovem Daniel a angústia que o levou à fuga e cuja consequência final foi a morte. O próprio Green foi vítima desse tipo de conflito, fornecendo assim, em seus textos, diversos testemunhos de sua própria experiência.

Loucura e culpa

No percurso das personagens greenianas, também encontraremos a loucura e a culpa. Diante de tantos fatos estranhos, atitudes estranhas, Daniel

¹¹ « C'est alors que me revenaient à l'esprit des paroles que j'avais entendu prononcer autrefois par un ecclésiastique anglais. Il était en conversation avec ma tante et il dit en caressant mes cheveux: "Confiez-le-nous. Il aimera la théologie, et vous savez, ajouta-t-il en riant, que notre profession est la plus belle du monde." Ces paroles me semblaient douces même à un âge où je pouvais à peine les comprendre, et maintenant encore elles ont pour moi une sorte de charme inexprimable.» (GREEN, 1997, p.28-29).

ficará à beira da loucura. Na tentativa de amenizar seus dramas vai buscar alguma forma de escapar, de fugir de suas angústias, o que, contraditoriamente, o fará sentir-se mais culpado.

Daniel foge da casa do tio para se libertar da influência que este exercia sobre ele, mas logo após a fuga arrepende-se de ter mentido:

Non tinha eu enganado meu tio? Não adianta fazer nada, uma pessoa para quem se mente (e eu tinha mentido) torna-se uma espécie de juiz e cresce aos olhos do mentiroso. Eu estava muito sensível a isso, mas a viagem dissipou rapidamente essa tristeza e abandonei-me completamente ao prazer de sonhar com uma felicidade desconhecida, olhando pela janela paisagens que eu via pela primeira vez. Na tarde do dia seguinte, cheguei até a cidade de Fairfax. (GREEN, 1997, p.35, tradução nossa)¹².

Passada a euforia da novidade, o sonho perde a força, cedendo lugar à culpa, novamente ele é tomado pela tristeza de ter partido da casa do tio e em suas palavras percebemos o arrependimento:

Lamentei de repente o que tinha feito; vi todas as vantagens de minha vida passada, a ausência completa de preocupações verdadeiras, a liberdade que tinha de empregar meu tempo como eu o quisesse. Por que então tinha abandonado tudo aquilo? Porque meu tio me fazia passar todos os dias meia hora entediante na biblioteca! (GREEN, 1997, p.43, tradução nossa)¹³.

Daniel passa a achar pouco o preço que tinha que pagar para ficar naquela casa. Era a insegurança começando a rondar sua mente e a solidão já o atormentando. Neste momento, o jovem passa a ver que não tinha um motivo tão forte para fugir. Mas agora sabia que não poderia mais voltar, pois já havia perdido a confiança do Tio, que certamente não o receberia de volta após a fuga.

Sozinho no mundo, Daniel entrega-se a longos momentos de reflexão e passa a ter consciência de suas estranhezas, mas nada fará para mudar, é como se seu destino já estivesse pré-definido:

¹² «N'avais-je pas trompé mon oncle? On a beau faire, une personne à qui l'on ment, et j'avais menti, devient une sorte de juge et grandit aux yeux du menteur. Je ressentais cela très vivement, mais le voyage dissipa bientôt cette tristesse et je m'abandonnai tout entier au plaisir de rêver à un bonheur inconnu en regardant par la fenêtre des paysages que je voyais pour la première fois. Dans l'après-midi du lendemain, j'atteignis la ville de Fairfax.» (GREEN, 1997, p.35).

¹³ «Je regrettai tout à coup ce que j'avais fait; je vis tous les avantages de ma vie passée, l'absence complète de soucis véritables, la liberté que j'avais d'employer mon temps comme je l'entendais. Pourquoi donc avais-je abandonné tout cela? Parce que mon oncle me faisait passer tous les jours une demi-heure ennuyeuse dans sa bibliothèque!» (GREEN, 1997, p.43).

Novamente eu estava perturbado e, de repente, tinha a impressão de que eu fugia de alguém. Mas eu já não tinha dito que sou passível de acessos de terror dos quais não consigo descobrir nem a origem nem a razão? Minha doença consiste nisso. É nesse ponto que se encontra o que há de triste e de vergonhoso em minha vida e o que me faz sofrer por não poder explicar a mim mesmo. Por que não sou como todo mundo? Às vezes tenho a impressão de que há por trás de tudo o que faço, por trás de tudo o que penso, todo o tipo de coisas que não compreenderei jamais. Essas coisas não vêm de mim, de meu cérebro? E se vêm de mim, porque continuam estranhas a mim? Será que eu não me pertence? Haverá uma parte de mim mesmo que está fora de meu domínio? (GREEN, 1997, p.50, tradução nossa)¹⁴.

Ele narra o que podemos classificar como os primeiros sinais da loucura abatendo-se sobre seu corpo. Este tipo de enfoque, o de quando a própria pessoa tem consciência de suas anormalidades, parece enfatizar ainda mais o drama sofrido. Não sabendo a razão nem a origem dos acessos que o acometem, o ser torna-se prisioneiro do seu próprio eu. Uma alma buscando a liberdade, mas que não consegue desvencilhar-se de seu corpo enfermo.

Em *Le voyageur sur la terre* os sinais de loucura de Daniel começam a se acentuar em determinado momento, indicando assim a aproximação do seu trágico fim.

Nas cartas das testemunhas que tiveram contato com Daniel são narrados os momentos onde começaram a aparecer os traços de loucura do jovem.

Ora, como não tinha entrado ninguém naquele dia, concluí que Sr. O'Donovan falava sozinho, e eu o escutava. Falava baixo demais para eu compreender tudo o que ele dizia, mas, a julgar pelo tom no qual pronunciava certas frases, compreendi que ele se condenava com muita amargura por algum erro cometido. (GREEN, 1997, p.65, tradução nossa)¹⁵.

A dona do hotel em que Daniel se hospedou na cidade de Fairfax foi a primeira a notar os hábitos estranhos do rapaz. No trecho acima, ela o ouve falar sozinho e nos manuscritos do próprio Daniel, ele sempre citava um amigo com

¹⁴ «De nouveau j'étais troublé et il me sembla tout à coup que je fuyais devant quelqu'un. Mais ai-je dit que je suis sujet à des accès de terreur dont je ne parviens à démêler ni l'origine ni la raison? C'est là mon infirmité, c'est là ce qu'il y a de triste et de honteux dans ma vie et ce que je souffre de ne pouvoir m'expliquer. Pourquoi ne suis-je pas comme tout le monde? J'ai quelquefois le sentiment qu'il y a derrière tout ce que je fais, derrière tout ce que je pense toutes sortes de choses que je ne comprendrai jamais. Ne viennent-elles pas de moi, de mon cerveau? Et si elles viennent de moi, pourquoi me restent-elles étrangères? Est-ce que je ne m'appartiens pas? Est-ce qu'il y a une partie de moi-même qui est hors de ma portée?» (GREEN, 1997, p.50).

¹⁵ «Or, comme il n'était entré personne ce jour-là, j'en conclus que M. O'Donovan parlait tout seul, et je l'écoutait. Il parlait trop bas pour que je pusse saisir tout ce qu'il disait, mais à en juger d'après le ton dont il prononçait certaines phrases, je compris qu'il se reprochait avec beaucoup d'amertume quelque faute qu'il avait commise » (GREEN, 1997, p.65).

o qual conversava, chamado Paul. Agora, conhecendo as cartas das testemunhas, constatamos que Paul era um amigo imaginário, somente Daniel o via e acreditava em sua existência.

Diante dos acontecimentos e das feições de Daniel, todos começam a julgá-lo louco.

Agora, tudo me levava a crer que esse jovem era louco. Em seguida, tive um medo terrível que, entretanto, eu dominei e não deixei transparecer nem um pouco. Mas na mesma tarde fui à casa de meu primo Thomas Thornton. Como sabe, ele leciona no curso de direito e seria difícil encontrar alguém melhor para se aconselhar. Expus para ele todo o caso. Ele escutou sem me interromper, depois concluiu de minha narrativa que, sem poder dizer que o jovem O'Donovan tinha de fato enlouquecido, era possível acreditar que ele sofria de uma grande perturbação moral e que, em todo caso, era conveniente observá-lo de perto. (GREEN, 1997, p.67, tradução nossa)¹⁶.

Outras pessoas passam a prestar atenção em Daniel para tentar compreender o que está acontecendo com o jovem. A dona do hotel conta o caso de Daniel a seu primo, pois ela começa a se preocupar com a situação, e este, após ouvir tudo, confirma-lhe que o jovem precisa de cuidados. M. Thornton passa a frequentar o hotel para observar Daniel de perto, e testemunha um desses momentos de delírio de Daniel O'Donovan narrando-o em seu depoimento:

Eu não parava de segui-lo com os olhos, mas ele não parecia se dar conta de que eu o observava. Seu olhar estava fixo na porta daquele pequeno cômodo do qual eu lhe tinha falado, aquele que comunica com o quarto de vestir. Tive vontade de lhe perguntar o que ele olhava com tanta atenção, quando percebi que ele estava falando sozinho. Seus lábios moviam-se rapidamente e eu ouvia uma espécie de murmúrio. Eu não era o único a ouvi-lo. Meu vizinho olhava Daniel com uma expressão de medo. (GREEN, 1997, p.74-75, tradução nossa)¹⁷.

O momento narrado por M. Thornton foi o último de Daniel dentro do hotel, logo em seguida, ele saiu em direção a seu destino. Todos que ali se encontravam foram testemunhas do estranho fato vivido por Daniel, pois ele

¹⁶ «Maintenant, tout me portait à croire que ce jeune homme était fou. J'en conçus aussitôt une peur horrible que je maîtrisai cependant et dont je ne laissai rien paraître, mais l'après-midi même je me rendis chez mon cousin Thomas Thornton. Vous savez qu'il enseigne le droit et qu'il serait difficile de trouver quelqu'un de meilleur conseil. Je lui exposai toute l'affaire. Il m'écouta sans m'interrompre, puis il conclut de mon récit que, sans pouvoir dire que le jeune O'Donovan avait positivement perdu l'esprit, il était permis de croire qu'il souffrait d'un grand trouble moral et qu'en tout cas il convenait de le surveiller.» (GREEN, 1997, p.67).

¹⁷ «Je ne le quittais pas des yeux, mais il ne paraissait pas se rendre compte que je l'observais. Son regard était fixé sur la porte de cette petite pièce dont je vous ai parlé, celle qui communique avec l'antichambre. J'eus envie de lui demander ce qu'il regardait avec une telle attention, quand je m'aperçus qu'il parlait tout seul. Ses lèvres remuaient très vite et j'entendais une sorte de murmure. Je n'étais pas le seul à l'entendre. Mon voisin regardait Daniel avec une expression de crainte.» (GREEN, 1997, p.74-75).

falava sozinho diante dos outros, mas talvez na sua visão era Paul dizendo em seu ouvido coisas que o motivaram a sair correndo em direção ao rio. Paul seria aqui a tentação de Daniel, a sua consciência doente, a imagem do mal perturbando sua alma e levando-o à morte.

A morte como libertação

No percurso das personagens greenianas percebemos que vários elementos se reiteram, como os conflitos religiosos, a culpa por erros do passado ou pelas tentações do presente e todos estes elementos juntos culminam em uma conseqüente loucura. Diante dos fatos, um final feliz para estas personagens seria impossível, portanto, resta-lhes como única saída a morte.

Para a maioria dos escritores católicos a morte terá um sentido libertador, e costuma ser retratada como meio de aproximação do divino e fuga do caos terrestre. A morte como libertação será narrada, por Green, de forma poética, sensibilizando os leitores, que acompanham todo o sofrimento das personagens e, gradativamente, também passam a ver a morte como a única solução possível para os dramas ali vividos.

Julien Green, com seu estilo objetivo e linear, apresenta a morte já no início da história, conferindo ao seu texto um caráter quase jornalístico, como podemos constatar a seguir:

Um pouco antes de atravessar a cidade, o rio corre entre dois muros inclinados, cheios de pedras, que ficam mais altos na medida em que se sobe corrente acima e que se envereda pelo campo. Não foi difícil, portanto, imaginar a cena do acidente. O jovem passeava, à noite, sem dúvida, nos arredores da cidade. Sem ver onde ia, chegou à beira do rio escondido pela escuridão. A terra está encharcada por uma tempestade recente. Ele escorrega de repente e, sem conseguir equilibrar-se, é precipitado sobre as rochas que o dilaceram e cai no rio onde se afoga. (GREEN, 1997, p.9-10, tradução nossa)¹⁸.

O narrador apresenta o fato com detalhes, mas se mantém imparcial. Sua objetividade no relato dos acontecimentos evita a identificação por parte do leitor, logo de início, do drama da personagem. Somente em seguida, o

¹⁸ «Un peu avant de traverser la ville, le fleuve coule entre deux murs déclinés, hérissés de rochers, et qui gagnent en hauteur à mesure qu'on remonte le courant et qu'on s'enfonce dans la campagne. On n'eut donc pas de difficulté à imaginer la scène de l'accident. Le jeune homme se promenait, de nuit, sans doute, dans les alentours de la ville. Sans voir où il va, il arrive au bord du fleuve que l'obscurité lui cache. La terre est détrempé par une averse récente. Il glisse tout à coup et, avant de pouvoir se retenir, il est précipité sur les rochers qui le déchirent, et retombe dans le fleuve où il se noie.» (GREEN, 1997, p.9-10).

narrador colocará o leitor a par da história, mostrando quais foram os passos da personagem antes de sua morte.

Julien Green oferece-nos primeiramente a visão do próprio Daniel, por meio dos manuscritos do jovem, encontrados por um pesquisador. Os manuscritos reforçam a impressão de veracidade da história. Em seguida, o autor apresenta cartas de testemunhas que tiveram algum contato com Daniel antes de sua morte. Esses depoimentos mostram visões exteriores dos acontecimentos, revelando a estranha personalidade de Daniel. A junção dos fatores cria uma incerteza sobre a morte do jovem gerando o suspense: suicídio ou assassinato?

Nesse sentido, a obra de Green assemelha-se ao romance policial, mas não podemos enquadrá-la nesse gênero pois, ao texto de Green, não importa esclarecer a morte, mas refletir sobre a maneira como a personagem desapareceu.

O enterro de Daniel é feito de maneira discreta, dadas as incertezas sobre sua morte.

Entretanto, estava tão claro na noite de sua morte, que várias pessoas recusaram-se a acreditar que ele pudesse ter vindo até a beira do rio sem vê-lo a seus pés, e, supondo que por uma razão ou outra ele tinha desejado criminalmente dar cabo a sua vida, elas propuseram que ele fosse enterrado em um espaço reservado do cemitério e sem as cerimônias habituais. Tanto fizeram e apresentaram razões tão plausíveis, que acabaram aceitando sua opinião e o rapaz foi enterrado como queriam. (GREEN, 1997, p.10, tradução nossa)¹⁹.

Devido à suspeita de suicídio, Daniel foi privado de um enterro com todos os rituais esperados, pois os fatos indicavam a culpa do jovem pela sua morte. Sua humildade, seu sofrimento, suas aflições em vida foram ignorados e desconsiderados por todos. Para a comunidade, alguém que dá fim à própria vida não é digno de nenhum tipo de reconhecimento. Era preciso evitar a propagação desse fato para que outras almas atormentadas não seguissem o exemplo de Daniel.

Neste mesmo romance, a morte aparece também não apenas como libertadora, mas como desencadeadora dos conflitos pelos quais a personagem passará. Quando morre a tia de Daniel, seu único alicerce, única proteção contra

¹⁹ «Cependant il faisait si clair la nuit de sa mort que plusieurs personnes refusèrent de croire qu'il eût pu venir jusqu'au bord du fleuve sans le voir à ses pieds, et, supposant que pour une raison ou pour une autre il avait criminellement voulu mettre fin à ses jours, elles proposèrent qu'on l'enterrât dans un coin réservé du cimetière et sans les cérémonies habituelles. Elles firent tant et présentèrent des raisons si plausibles qu'on allait se ranger à leur avis et enterrer le jeune homme comme elles le désiraient.» (GREEN, 1997, p.10).

a opressão do tio; ela é estranhamente levada, desencadeando assim os conflitos da personagem:

Minha tia morreu mais ou menos quando meus quinze anos terminavam. Não chorei por ela, mas imediatamente senti muito sua falta. Na mesma tarde de sua morte, fui ao quarto em que ela trabalhava habitualmente e sentei-me em sua poltrona. Vi os loureiros que faziam sombra na janela de meu tio, depois a grade do jardim e, acima do muro de tijolos, os sicômoros da praça. Ao me levantar, derrubei o cesto onde minha tia guardava sua lâ; senti uma certa tristeza ao ver rolar entre meus pés os novos cinza que eu conhecia tão bem e fiquei olhando para eles por alguns minutos sem poder me decidir a recolocá-los no lugar. (GREEN, 1997, p.24, tradução nossa)²⁰.

A ausência da tia torna a vida da personagem bem mais difícil gerando, assim, todos os problemas que o levarão à fuga. Ao mesmo tempo, essa partida constitui uma libertação, pois a tia também vivia sob a opressão de um casamento infeliz.

Outro fator que envolve a morte neste texto é a água como elemento premonitório, anunciando à personagem a proximidade da inevitável partida; esse elemento surge nos sonhos de Daniel:

A aurora clareava o céu e eu vi grande quantidade de água borbulhante que se precipitava com violência entre duas muralhas de rochedos. Às vezes, a água formava um vazio no meio da corrente e eu percebia um abismo de onde se elevavam clamores longínquos, mas ondas impetuosas o recobriam logo em seguida. Então ouvi a voz de Paul que bradava: A fonte das águas vivas! e ao mesmo tempo eu caía no chão. (GREEN, 1997, p.48, tradução nossa)²¹.

Nessa citação podemos constatar que, mais do que um aviso, o sonho de Daniel seria uma antecipação do momento de sua morte. Talvez essa fala de Paul no sonho corresponda exatamente às palavras ouvidas por Daniel antes de sua corrida em direção ao rio. A mesma água presente neste sonho seria a água que abraçaria o jovem, levando-o para o outro lado, forçando-o a realizar a passagem.

²⁰ «Vers la fin de ma quinzième année, ma tante mourut. Je ne la pleurai pas, mais elle me manqua tout d'un coup. L'après-midi même de sa mort je me rendis à la chambre où elle travaillait d'ordinaire et m'assis dans son fauteuil. Je vis les lauriers qui ombrageaient la fenêtre de mon oncle, puis la grille du jardin et au-dessus du mur de brique les sycomores de la place. En me levant je renversai le panier où ma tante mettait sa laine; j'eus quelque tristesse à voir rouler entre mes pieds les pelotes grises que je connaissais si bien et je les considérai quelques minutes sans pouvoir me résoudre à les remettre en place.» (GREEN, 1997, p.24).

²¹ «L'aube éclairait le ciel et je vis de grandes eaux bouillonnantes qui se précipitaient avec violence entre deux murailles de rochers. Parfois l'eau se creusait au milieu du courant et j'apercevais un abîme d'où montaient des cris lointains, mais des vagues impétueuses le recouvraient aussitôt. Alors j'entendis la voix de Paul qui criait: La source des eaux vivas! et en même temps je tombai à terre.» (GREEN, 1997, p.48).

A expressão “Fonte das águas vivas” também pode indicar quem seria Paul na mente de Daniel. Na Bíblia encontramos as seguintes referências:

Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. (BÍBLIA, João, 7, 37-38).

Águas profundas são as palavras da boca do homem, mas ribeiro transbordante é a fonte da sabedoria. (BÍBLIA, Provérbios, 18, 4).

Certamente Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei. O Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação.

Vós com alegria tirareis águas das fontes de salvação. (BÍBLIA, Isaías, 12, 2-3).

A partir da leitura desses excertos, podemos concluir que Paul pode representar também a configuração do próprio Cristo chamando Daniel ou apenas um mensageiro que o guiará no caminho para o encontro com Deus. E a morte do jovem seria, portanto, o chamado ao qual ele atendeu.

Algumas testemunhas tentam justificar a morte de Daniel como consequência de uma febre, ou ainda, como uma graça recebida pelo jovem naquele dia. A graça divina pode ser o elemento que atinge as personagens centrais das obras de Green; após recebê-la elas iniciam o percurso rumo à morte terrestre, seguindo em direção à vida espiritual:

Penso simplesmente que ele foi vítima de um acesso de febre do tipo mais comum e que é um crime não ter cuidado melhor dele. Meu irmão não pensa assim. Ele ficou sabendo tudo sobre esse caso e sua opinião é que Daniel O'Donovan foi, como ele diz, tocado pela graça; mas, acrescenta ele, esta graça age quase sempre segundo a personalidade da pessoa que a recebe. Ela converte os brandos pela persuasão, ela derruba os violentos e orgulhosos. Na alma desse louco, ela teria agido (ousaria eu escrever isso?). Mas é ele quem fala: ela teria agido loucamente, ou sabiamente, se observarmos do ponto de vista terreno ou do ponto de vista da providência. Ele ainda diz que esta morte precoce é uma bênção e que ela encerra, no momento certo, uma vida de incertezas e de miséria espiritual. (GREEN, 1997, p.77, tradução nossa)²².

Miséria espiritual – não seria exatamente o objetivo da graça divina libertar aqueles que se encontram em miséria espiritual? Essa graça o teria abatido justamente para libertá-lo de sua vida incerta, poupá-lo do tormento em que

²² «Je pense tout simplement qu'il a été victime d'un accès de fièvre chaude de l'espèce la plus ordinaire et qu'il est criminel de ne pas l'avoir mieux surveillé. Mon frère n'est pas de cet avis. Il s'est tenu au courant de toute cette affaire et son opinion est que Daniel O'Donovan a été, comme il dit, frappé de la grâce; mais, ajoute-t-il, cette grâce agit souvent selon le caractère de la personne qui la reçoit. Elle convertit les doux par la persuasion, elle jette en bas les violents et les orgueilleux. Dans l'âme de ce fou elle aurait agi, oserai-je l'écrire? Mais c'est lui qui parle, elle aurait agi follement, ou sagement, suivant qu'on se place au point de vue terrestre ou au point de vue providentiel. Il dit encore que cette mort précoce est une bénédiction et qu'elle termine au bon moment une vie d'incertitude et de misère spirituelle.» (GREEN, 1997, p.77).

vivia. Na citação acima, parece-nos ser a voz do próprio Green confidenciando seu martírio espiritual.

Esta renúncia da personagem que realiza um percurso de transformação do terrestre para o plano espiritual também está relacionada ao elemento água.

Se considerarmos o simbolismo da água, veremos que suas definições vão ao encontro do processo sugerido nas narrativas. Segundo Cirlot (1984, p.63-65):

A imersão nas águas significa o retorno ao pré-formal, com seu duplo sentido de morte e dissolução, mas também de renascimento e nova circulação, pois a imersão multiplica o potencial da vida. O simbolismo do batismo, estreitamente relacionado com o das águas, foi exposto por São João Crisóstomo (Homil. In Joh, XXV, 2): “Representa a morte e a sepultura, a vida e a ressurreição. Quando mergulhamos nossa cabeça na água, como num sepulcro, o homem velho fica imerso e enterrado inteiramente. Quando saímos da água, o homem novo aparece subitamente”. A ambivalência deste texto não é só aparente: a morte afeta apenas o homem natural, enquanto que o novo nascimento é o do homem espiritual, nesta particularização do simbolismo geral das águas.

[...]

Por outro lado, a água é o elemento que melhor aparece como transitório, entre o fogo e o ar de uma parte – etéreos – e a solidez da terra. Por analogia, mediadora entre a vida e a morte, na dupla corrente positiva e negativa, de criação e destruição.

Este é exatamente o mesmo processo buscado pela personagem aqui abordada, que se empenha em morrer no plano terrestre para viver no espiritual. Essa transformação é sugerida pela presença da água e tais idéias completam a explicação anterior a respeito da expressão enigmática *la source des eaux vives* várias vezes repetida em *Le voyageur sur la terre*.

Orlandi explica a dissemetria entre os planos temporal e espiritual, traçando um paralelismo entre ambos que talvez nos expliquem como entender o caminho escolhido por Daniel:

Temporal	/	Espiritual
morrer	para	viver
não ver	para	ver
perder-se	para	salvar-se

(ORLANDI, 1996, p.257).

Vemos neste quadro revelar-se exatamente o que a personagem buscou: para viver no plano espiritual precisou morrer no temporal. A loucura a cegou

para que pudesse conceber o plano divino e perder-se neste mundo para alcançar a salvação no mundo espiritual.

Esse quadro vai ao encontro do pensamento cristão e parece ser o princípio da grande inquietude das personagens de Green: renegar o físico, renunciar a tudo e a todos, negar o prazer terrestre, para só então atingir o plano superior, atingindo a salvação.

A inquietude espiritual.

A obra revelou a grande inquietação vivida por almas angustiadas e divididas entre dois mundos: o terrestre e o espiritual.

Historicamente percebemos que sociedades distantes sofriam da mesma angústia, gerada pelo pré e pós-guerra. E neste entre-guerras figura o grupo de escritores ao qual pertenceu Julien Green e, do qual faziam parte também Mauriac e Bernanos. Este grupo de intelectuais surgidos, sobretudo, na década de 20, encontraram no cristianismo a resposta para a crise política e ideológica que o mundo atravessava, razão do grande número de conversões ocorridas em período tão conturbado.

Aliado à tensão política temos também o Modernismo, com suas questões inovadoras, seu projeto de modernização da linguagem e idéias vanguardistas; era preciso, portanto, que os mais tradicionais se unissem contra um projeto que poderia colocar em risco a moral cristã.

As guerras e as revoluções deixavam no homem da época um total sentimento de abandono, a sensação de estar só em meio à multidão, daí o sentimento de desamparo; era preciso, portanto buscar refúgio e muitos encontraram na religião católica este amparo.

Assim, ainda que todos os escritores católicos, escrevessem sobre um mesmo tema e revelassem em suas obras sua religiosidade, seu catolicismo, eles focaram indivíduos diferentes, concretizados na figura das personagens, possibilitando uma distinção em relação ao fator enfatizado. Se em Green o foco está na fé, no falso cristão, em Mauriac está no pecado, na tentação; em Bernanos, naquele que tentava: o próprio Satã.

Julien Green, ao optar pela forma de diário, permite ao leitor uma visão interna de suas personagens, de seus sentimentos; se essa visão é marca do romance intimista também parece ser a mais adequada para uma melhor reprodução dos pensamentos e inquietudes espirituais. Tal opção torna ainda mais próximo o

reconhecimento dos conflitos particulares de cada autor: a narrativa em primeira pessoa faz com que tenhamos a impressão de que o próprio autor vivenciou aquele drama.

O autor em questão também mescla em sua obra a personagem que narra, ora é a personagem principal, ora uma testemunha.

Seja por meio da voz da testemunha ou da voz da personagem principal, nesse romance o monólogo interior predomina e torna a narrativa lenta, porém não exaustiva, visto o ser humano em geral ter grande curiosidade em conhecer o conteúdo da mente do seu próximo; assim, ainda que o percurso das personagens somente se revele após longas reflexões, não perdemos o interesse em acompanhar o fluir da narrativa. Como só temos conhecimento dos fatos pela visão das personagens, é por meio delas também que os temas aqui abordados vão surgindo, assim como as marcas da religiosidade, figurados em forma de protesto ou em uma releitura do texto bíblico.

O protesto contra os falsos religiosos ocorre no texto de Green, em que podemos notar, além de várias menções da palavra “Sagrada Escritura”, pelo jovem Daniel, uma releitura da chegada do Messias, maneira pela qual é visto o amigo imaginário de Daniel.

Percebemos que a personagem tem maior importância na estrutura narrativa. O tempo não é relevante, aliás, é quase sempre incerto; o espaço ocupa o segundo lugar, visto ser responsável pelo clima de trevas e de escuridão necessário como pano de fundo para a angústia latente na obra.

Se o ponto de vista é sempre interno, na maioria das vezes isolado, o mundo que se revela é opressor, e aí se concretiza a ação dramática desse romance, na inquietação, seja do mundo externo ou do mundo interno. A inquietude referente ao mundo externo configura-se na opressão da sociedade que, praticamente, obriga a personagem a parecer o que não é. Por exemplo, em *Le voyageur sur la terre*, Daniel parecia louco para as demais personagens e não o era, na sua perspectiva, pois apenas atendia ao chamado de Paul, seu amigo. A inquietação interna desencadeia-se a partir do duelo entre o plano físico e o espiritual, na tentação da carne, na necessidade de negar o plano material para atingir o divino, aspecto em que mais se revela a religiosidade de nosso autor, visto trazer consigo uma concepção arcaica do catolicismo, em que Deus é apresentado como tirano e opressor, e que somente via martírio será possível ao ser humano atingir o plano espiritual. Nesse duelo está a origem do drama dos romances católicos: abandonar o plano terrestre e buscar a Deus.

Na obra abordada o encontro com Deus só se torna possível por meio da morte, ela representa a libertação do mundo opressor.

Delinearam-se neste estudo alguns elementos recorrentes na obra abordada, marcas como a introspecção, a reflexão e a sondagem do ser. Partindo de um aspecto geral observamos a existência de um grande tema que é a procura por Deus e a partir dele surgem temas mais específicos como: religião, fé, loucura, culpa (pecado) e morte.

Estes elementos que ressoam nos escritores católicos de forma marcante levam-nos a uma possível definição do romance produzido por este grupo, para o qual não houve designação precisa. Considerados os resultados deste estudo, chegamos à conclusão de que este poderia ser denominado romance introspectivo espiritualista.

Revelando suas inquietudes religiosas, eles criaram uma forma de questionar aqueles que se diziam cristãos, religiosos apenas por tradição, por comodismo e não por fé e vontade própria.

Eles usaram a literatura para protestar e também para expor à sociedade como devia ser a vida de um cristão, como este deveria agir, as dificuldades do caminho da fé, a tentação sofrida por aqueles que optam pelo caminho religioso.

A religiosidade desses escritores aponta para uma produção que responde a preocupações metafísicas destoando assim de obras do mesmo período voltadas para o social, a política e os manifestos modernistas; seus textos realizam um retorno à tradição da vertente religiosa. O misticismo da espiritualidade dos romances católicos produz imagens de um sobrenatural ilusório, sem lógica, apropriado ao universo angustiante das narrativas.



The religious expression in Julien Green

ABSTRACT: *This paper discusses the religious expression in the fiction of the French writer Julien Green, whose literary production started in the 1920s. The main topics debated in this article are: the recurrent themes in Green's narrative based on the novel *Le voyageur sur la terre*, the spirituality found in his texts, especially concerned with his religion, the Roman Catholicism, and the influence of religion in Green's text.*

KEYWORDS: *French Literature. Novel. Religion. Julien Green.*

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução de Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BERNANOS, G. **Sous le soleil de Satan**. Paris: Plon, 1987.

BIBLIA. N.T. João. In: BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida, 1994. p.1393-1424.

_____. A.T. Provérbios. In: BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida, 1994. p.808-480.

_____. A.T. Isaías. In: BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida, 1994. p.952-1029.

CIRLOT, J-E. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.

GREEN, J. **Le voyageur sur la terre**: les clefs de la mort Christine-Leviathan. Paris: Plon, 1997.

MARITAIN, J. **Humanismo integral**: uma visão nova da ordem cristã. Tradução de Afrânio Coutinho. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARCELLOS, J. C. **Literatura e espiritualidade**. Bauru: EDUSC, 2001.

BAUDIN, F. Littérature et christianisme: les années 20, un âge d'or? Autour de Georges Bernanos et d'André Gide. **La Revue Réformée**, Marseille, tome LI, n.209, p.11-33, sept. 2000.

BRAIT, B. **A personagem**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

FLUSSER, V. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

GRENN, J. **Se eu fosse você**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Siciliano, 1995.

_____. **Pamphlet contre les catholiques de France**. Paris: Gallimard, 1982.

MAURIAC, F. **Thérèse Desqueyroux**. Paris: Bernard Grasset, 1927. (Le Livre de Poche).

PASCAL, B. **Pensées et Opuscules**. 39.ed. Paris: Librairie Larousse, [19--].

_____. **O pensamento vivo de Pascal**. Apresentado por François Mauriac. São Paulo: Martins, 1975.

